

Livros

Sérgio Augusto

- **D.W. GRIFFITH: THE YEARS AT BIOGRAPH**, de Robert M. Henderson (Farrar, Straus and Giroux, N.Y., 250 páginas, US\$ 7.50) — Importante adendum aos trabalhos de Iris Barry, Lillian Gish e Seymour Stein (*Film Culture* nº 36) sobre o primeiro grande cineasta do cinema. O título engana: o livro de Henderson, que aliás chefia os setores artísticos da Biblioteca Pública de Nova York no Lincoln Center, fala menos do homem Griffith (Cf. memórias de Miss Gish) e mais dos filmes que o cineasta rodou na Biograph. Para isto, o autor contou com a colaboração inestimável do arquivo de R. H. Hammer (o maior pesquisador da Biograph Co.), das notas e memorabilia de Billy Bitzer, da tão decantada "autobiografia interrompida" de Griffith, além dos dados preservados na Caudebec Inn, em Cuddebackville (N.Y.), onde o diretor de *Intolerância* fazia seus filmes durante o verão. A parte filmográfica, cobrindo o período junho de 1908-outubro de 1913, é riquíssima em informações e ilustrações.
- **ESSAIS SUR LA SIGNIFICATION AU CINÉMA**, de Christian Metz (Editions Klincksieck, Paris, 246 páginas, 20 francos) — Coleção de dez artigos, a maioria publicada nas revistas *Cahiers du Cinéma* e *Communications*. Com lucidez, método e profundidade, Metz tenta, com êxito, uma façanha inédita: uma análise semiológica do cinema, amparada nos estudos desenvolvidos por Roland Barthes, Lévi-Strauss, Saussure e Julien Greimas, ao nível da lingüística e da antropologia. Seus trabalhos sobre a impressão de realidade do cinema, a fonomenologia da narrativa, o problema da denotação nos filmes de ficção, a grande sintagmática do filme narrativo e o conceito de verossimilhança da imagem fílmica são um modelo de erudição e percepção. Aconselhável exclusivamente aos iniciados.
- **ESTHÉTIQUE ET PSYCHOLOGIE DU CINÉMA** (I. Les Structures, II. Les Formes), de Jean Mitry (Editions Universitaires, Paris, 892 páginas no total, 29 francos cada volume) — Até o momento, o mais importante e completo compêndio de análise estética, psicológica e estrutural do cinema. No primeiro

volume, Mitry expõe com clareza a origem da arte, explica o que é um autor de filme e analisa a produção estandarizada de Hollywood, mas é da pág. 48 em diante, quando lança o seu *coup d'oeil* sobre a linguagem e a estrutura das imagens, que seu livro justifica o entusiasmo com que foi recebido pela crítica européia mais responsável. Nada escapa ao velho professor da École de Hautes Études Cinématographiques de Paris, nem o papel da palavra, da música, do ritmo, da cor, nem a *mise en forme* dessas estruturas fílmicas fundamentais.

- **INGMAR BERGMAN**, de Robin Wood (Movie Paperbacks, Londres, 191 páginas, 15 shillings; edição americana: Praeger, US\$ 2.95) — Wood é um dos raros bons críticos ingleses e este seu estudo sobre Bergman supera os que fez, antes, sobre Hitchcock (Studio Vista) e Hawks (Cinema One). Wood, sempre com uma invejável tranquilidade, não faz média com os cineastas que adora: neles sempre encontra defeitos mas o seu tom de severidade diante dos pecadilhos de seus ídolos não chega à selvageria injustificável com que Jorn Donner, para ficar só na área da hagiografia bergmaniana, pontilhou seu estudo da obra do cineasta sueco. Wood passa de leve sobre os primeiros filmes de Bergman, detendo-se mais sobre o que ele (e eu pessoalmente) considera a fase mais importante de sua carreira, isto é: a partir de *Morangos Silvestres*. Seu *approach* dá ênfase especial à psicologia.
- **ANTONIONI**, de Ian Cameron e Robin Wood (Movie Paperbacks, Londres, 144 páginas, 10s.6d.; edição americana: Praeger, US\$ 2.50) — Na primeira parte, onze artigos de Cameron antes publicados nas revistas *Film Quarterly* e *Movie*. Wood complementa com ensaios sobre os dois primeiros filmes coloridos de Antonioni: *O Deserto Vermelho* e *Blow Up*. As análises são de excelente qualidade. Os autores anunciam para este ano uma reedição contendo um artigo de Wood sobre *Zabriskie Point* e uma entrevista exclusiva com o cineasta.
- **PASOLINI**, de Oswald Stack (Cine-

ma One, Londres, 176 páginas, 15 shillings) — O título deveria ser *Pasolini On Pasolini*, pois o trabalho de Stack em nada difere do *Losey on Losey*, feito à base de entrevistas por Tom Milne para a mesma coleção, dois anos antes. De qualquer forma, um livro precioso, no qual Pasolini presta informações, algumas até então inéditas, sobre seus filmes, seus roteiros, suas idéias políticas e estéticas. O prefácio de Stack é um modelo de concisão e um guia breve para quem estiver interessado em conhecer esta figura *sui generis* da cultura italiana. Este tipo de livro, dando livre curso à palavra dos cineastas que têm realmente alguma coisa a dizer, deveria tornar-se moda, principalmente na França.

- **FILMMAKERS ON FILMMAKING**, de Harry M. Gegend (Indiana University Press, 302 páginas, US\$ 1.95) — Valiosa coleção de entrevistas de cineastas, assim distribuídas: Robert J. Flaherty sobre as filmagens de *Nanook of the North* (transcrita de *The World's Work*, setembro de 1922) um trecho da autobiografia de Chaplin, Stroheim apresentando *Merry Widow* no Canadian Film Institute, Fritz Lang falando do *happy-end* (*Penguin Film Review*, 1948), Eisenstein explicando o cinema estereoscópico (idem, 1949), Carl Th. Dreyer sobre os problemas da cor (*Films in Review*, abril 1955), entrevista de Hitchcock a Pete Martin (*Saturday Evening Post*, julho de 1957), Federico Fellini sobre dinheiro e vitellonismo (*Films and Filming*, janeiro 61), artigo de Tony Richardson sobre "os dois mundos do cinema" (*Films and Filming*, junho 61), Andrzej Wajda advogando a "destruição do lugar comum" (*Films and Filming*, novembro 61), Alain Resnais procurando "entender seus próprios filmes" (*F&F*, fevereiro 62), depoimentos de Buñuel e Antonioni a *Film Culture* manuscrito de Dziga Vertov transcritos na mesma publicação, a célebre entrevista de Bergman aos *Cahiers du Cinéma* (julho de 1956), trechos da autobiografia de Sternberg (*Fun in a Chinese Laundry*), a entrevista que Orson Welles deu ao *Sight and Sound* (Inverno de 1950) e a conversa que Satyajit Ray manteve durante dias com Penelope Houston (*S&S*, Primavera 1957).